

A coesão em histórias em quadrinho: uma análise dos gibis *Turma da Mônica*

Eminéa Aparecida Vinhais¹

Resumo: Os estudos da coesão empreendidos pela Linguística Textual vêm, no seu transcurso, dando conta das especificidades de diferentes gêneros textuais em seu repertório teórico, ampliando as possibilidades de análise de diferentes textos. Nosso objetivo, a partir das Histórias em Quadrinhos, especialmente as da Turma da Mônica, é realizar uma análise dos processos coesivos, considerando a especificidade dos gibis, entre elas o recurso imagético, o conhecimento de mundo, a aproximação da fala coloquial, para a construção da tessitura de um texto coesivo e coerente, entre as quais destacamos: a retomada anafórica tanto pronominal quanto lexical, os aspectos endofóricos e exofóricos, o conhecimento de mundo e, claro, não menos importante, o leitor e os sentidos por ele atribuídos.

Palavras-chave: História em quadrinhos, coesão, referenciação.

Résumé: Les études de la cohésion entrepris par la linguistique textuelle, dans son cours, se rendent compte de les spécificités de divers genres textuelles dans son repertoire théorique, en amplifiant les possibilités d'analyse de différents textes. Notre objectif, à partir de les bandes dessinée, en particulier les histoires de la «Turma da Mônica», c'est de réaliser une analyse de les processus de cohésion, en considérant le spécificité des bande dessinées, entre eux le recours de l'image, le connaissance du monde, l'approche de la langue familière, pour la construction de la tessitura d'un texte cohésive et cohérente, parmi lesquels nous détachons : la reprise anaphorique soit pronominal ou lexicale, les aspects «endofóricos» et «exofóricos», le connaissances du monde et pas moins important, le lecteur e les sens attribuées par lui.

Mots-clés: bande dessinées, cohésion, référenciation.

Introdução

A constituição do campo da Linguística Textual é recente. Segundo Bentes (2001), as abordagens que fazem parte de uma tentativa teórica de construir uma linguística para além da frase iniciaram-se no início dos anos sessenta e estendem-se até os dias de hoje.

Bentes (2001) destaca três momentos importantes como marcos desse aporte teórico:

- A análise transfrástica, que voltava seu interesse para fenômenos sintático-semânticos, isto é, seu escopo estudava as relações entre enunciados ou sequência de enunciados;
- As gramáticas textuais – fortemente influenciadas pela teoria gerativista – consideravam o texto a unidade hierárquica mais alta, uniforme, estável e abstrata, e, a partir do texto, se chegava

¹ Mestranda em Linguística. Universidade Federal de Uberlândia. Correio eletrônico: emineas@yahoo.com.br.

às unidades menores. Ainda defendiam que todo falante nativo possuía conhecimento do que seja um texto, e;

- O tratamento dos textos no seu contexto pragmático, percebido como processo e não como produto. Esse campo, além de considerar os recursos linguísticos, vem direcionando-se também para os aspectos de constituição, produção, funcionamento e a compreensão de textos em uso, ampliando, assim, o caráter contextual de sua análise.

É a partir das possibilidades as quais o bojo da Linguística Textual nos oferece, que verificaremos como se dá o processo de coesão nas histórias em quadrinhos, as quais contam com algumas peculiaridades, entre elas: a tentativa de reproduzir a fala coloquial em seus textos e a associação de imagens no enredo de suas histórias.

As Histórias em Quadrinhos (HQ)

Histórias em quadrinhos ou simplesmente quadrinhos, gibi ou HQs – constituem um gênero em que se combinam textos e imagens, com o intuito de narrar histórias dos mais variados gêneros e estilos. Geralmente são publicadas no formato de revistas, livros ou em tiras em revistas e jornais.

Durante algumas décadas, as HQs foram alvo de preconceitos, pois muitos as consideraram arte menor, incompreendida. Nos últimos tempos, tal perspectiva mudou, e as HQs conquistaram o reconhecimento como uma arte interpretativa imagético-visual, sendo que, no Brasil, recebeu notoriedade a partir dos anos de 1930.

O recorte por nós selecionado para análise faz parte do acervo de Maurício de Sousa, que, desde os anos de 1960, dedica-se à produção de quadrinhos no Brasil². Ele é o criador de inúmeros personagens nas HQs que transitam para além do território brasileiro³.

A escolha da história foi aleatória, já que não nos preocupamos com datação, conteúdo, tema ou com os personagens que estariam presentes.

Optamos por um gibi da Editora Globo, Maurício de Sousa, da

2 Eximir-nos-emos de relatar toda a história das HQs (ver MELO, 2009), já que não é objetivo de nosso trabalho.

3 Foram publicadas mais de um bilhão de revistas, com mais de duzentos personagens, traduzidas para cinquenta idiomas, em cento e vinte e seis países (Disponível em <<http://www.mundohq.com.br/site/detalhes.php?tipo=4&id=22>>, acessado em março de 2012).

Turma da Mônica, especificamente da Magali, nº 82, ano de 1992, com 34 páginas. Nossa história, intitulada "Neném Beleza", inicia-se na página 23 e finda na página 33, com o total de cinquenta e um quadrinhos.

Como recurso didático, os quadrinhos constitutivos da história em apreciação serão indicados por meio de numeração ordinal entre parênteses. Ainda sugerimos que, primeiramente, a história alvo de nosso trabalho seja lida na íntegra no anexo deste trabalho antes de o leitor se encaminhar à leitura das análises.

A coesão nas HQ

Iniciemos com o título da história:



De acordo com Haliday e Hasan (1976) e Brown e Yule (1983), o texto não é um produto, é um processo que, para ser compreendido, contará com os recursos cotextuais e contextuais. No caso do título, quer compreendido endofórico quer exoforicamente, sua importância é crucial ao estabelecimento da coesão e da coerência do texto.

Na história que selecionamos, o título serve como uma espécie de aporte para o tema eleito no transcorrer da história, embora esse não forneça uma compreensão específica no âmbito desta trama, pois é necessária a leitura de todo o enredo para que seu sentido seja estabelecido. Então, é preciso admitir que ele é parte constituinte do texto, e não poderia deixar de ser.

Para isso, apontamos as formas como o vocábulo *neném* é retomado no texto. Enfatizamos que essas referências são realizadas por diferentes personagens ao longo da história. Logo no (1º) quadrinho, Magali refere-se ao *filhinho* de sua tia Bárbara. Já no (2º) é retomado por meu *priminho*. No (5º), há a seguinte asserção feita por uma criança: "Gostei do carrinho que *ele* ganhou!". No (8º), *neném*, no (9º), *Júnior*. No (14º), *neném*. Uma referência com outro termo só aparecerá no (17º) *menino*, no (19º) *coitadinho*. Já no (20º) e no (21º) *dele*, no (22º) novamente o *coitadinho*, no (23º) *ele*, no (24º) *neném*, no (25º) *dele*, no (26º) *neném* e *ele*, (27º) *ele*.

No (28º) *neném* e *ele*. No (29º) *ele*, (30º) *filhinho*. (31º) *ele*, (34º) *neném*, (38º) *neném*. No (40º) *filho*, (41º) *ele*, (46º) *neném*.

Como é possível constatar, houve várias formas linguísticas para a retomada do “neném”, que encontramos no título da história. No intuito de analisarmos as várias retomadas do referente *neném*, propomos algumas considerações a partir de Mondada e Dubois (2003), que afirmam que as coisas e as palavras sofrem modificações ao longo do tempo e do texto, em função da dinamicidade da língua e do consenso entre os falantes de uma língua.

Em suas perspectivas teóricas, sugerem a substituição de referência por referencição, pois esta é um processo que ocorre entre os interlocutores (tal qual estamos usando neste artigo). Para estas autoras, não há uma relação direta de um para um, pois a construção da referencição ocorre passo a passo, assim, um objeto discursivo não está disponível “(...) como uma categoria única e pronta para ser empregada” (MONDADA, 2003, p.30).

Desta forma, a referencição não é ligada ao objeto, e sim ao processo de referencição, que é estabelecido discursivamente, emergindo de práticas simbólicas e intersubjetivas (MONDADA, 2003, p.35), em colaboração interacional, sensível ao contexto da denominação e não somente ao próprio objeto.

Observemos como as referencições ao *neném* do título foram sendo gradativamente construídas ao longo da história, no entanto, *neném*, por diversas vezes, foi retomado por diferentes personagens, adquirindo variados status, conforme a perspectivação das personagens.

Para compreendermos, exemplifiquemos: se considerarmos do título até o quadrinho (6º), não temos o mesmo *neném*, pois este recebe vários atributos, por exemplo, *bochechudo*, *cabeludinho*, *a cara do pai*, entre outros. Tal fato modifica sua aparição inicial no título, assim a proposição teórica proposta por Mondada e Dubois corrobora com o que notamos nesta história, pois, no processo de referencição, o *neném* do título ganha novas características ao longo da história, conforme recebe novas nomeações. Desta forma a referencição vai sendo construída, afinal a imagem que temos do *neném*, inicialmente, gradativamente ganha novos contornos no transcorrer da HQ.

Salientamos ainda que o “objeto” *neném*, enquanto imagem, sequer aparece na história a não ser no final. A construção de *neném*

é realizada via referenciação, não se trata de um objeto estático, ele ganha novas dimensões ao longo da história pela discursividade.

O texto de Brown e Yule (1974, p. 202-203) também contribui no sentido desta argumentação, especificamente quando propõe que não há uma identidade perfeita na retomada, pois vamos acoplando novas informações por não haver espelhamento, apenas percepção de similaridade.

Avancemos mais um pouco para discutirmos algumas das formas como a retomada de *neném* ocorreu no texto. Iniciemos com as retomadas por pronome, no nosso caso, *ele* e *dele*, conforme utilizado algumas vezes no desenrolar do enredo. De acordo com Apothéloz (2009), quando ocorre uma retomada por pronome e este não está na mesma frase que o retomado, será necessário, para que compreendamos o processo de referenciação, que o aspecto contextual contribua neste desenrolar. No caso que estudamos, as retomadas por pronome ocorrem do início ao fim da história, e, notamos que as associações de imagens com o contexto produzem uma história que não deixa margens a dúvidas, pois sabemos que se trata do *neném* do título. Desta forma, há uma retomada pronominal anafórica dependente do contexto, porque será necessário compreender a história também pela associação das imagens, pelo título, pela compreensão de mundo, para que fique claro de que se trata de pessoas que estão visitando um bebê recém-nascido.

Os pronomes não foram as únicas possibilidades de retomada. Também encontramos: *filhinho*, *priminho*, *menino*, *coitadinho* e *filho*. Se, no caso dos pronomes, a retomada é neutra, já que não possuem conteúdo nocional, este não é o caso das referências lexicais, pois, geralmente, estas têm uma forte função argumentativa (APOTHÉLOZ, 2003, p.58). Em nossa história, elas visam incrementar, modificar e ampliar o olhar do leitor para o *neném*, alvo da trama, ou seja, não se trata simplesmente de um *neném*, é igualmente o priminho da Magali, o filho ou filhinho de seus tios muito feios, o coitadinho.

Ainda observamos que ocorreu retomada por repetição, *neném*, algumas vezes durante o texto, todavia com a ressalva de que parece não se tratar do *neném* do título, já que houve um processo de recategorização durante toda a história, o que faz com que o *neném* do título não seja o mesmo *neném* no desenrolar do episódio. Nesse

sentido, Marcuschi (2005) afirma que as coisas são discursivamente construídas, assim, nossos referentes são objetos do discurso, isto é, a maneira como são ditas as coisas “é decorrência de nossa atuação intersubjetiva sobre o mundo e da inserção sociocognitiva no mundo em que vivemos” (MARCUSCHI, 2005, p. 52).

É importante observar que *neném* foi recategorizado ao longo da história, demonstrando que este conceito envolve ações de linguagem socialmente situadas, advindas do contexto da história, e na implicação das relações simbólicas que se modificaram no decorrer do episódio.

Entretanto, frisamos que as possibilidades de se realizar uma retomada não são ilimitadas. No caso das anáforas, Milner (2003) discute as distinções entre referência real e virtual. Para ele, referência real é “o segmento da realidade associado a uma sequência” (Ibidem, p. 86), é assim o objeto associado a uma expressão nominal. A referência virtual “pode ser concebida como um conjunto de traços exigidos a priori de um referente possível” (Ibidem, 89). Milner (2003, p. 86) atenta que a distinção entre essas duas referências indica que “uma unidade lexical só pode ter referência real se ela for empregada; fora do emprego, ela só pode, evidentemente, comportar as condições de uma eventual referência real, quer dizer, sua referência virtual.”

Em nossa análise, o *neném* do título é retomado ao longo da história tanto por pronominalização quanto por sintagmas nominais. Tal fato foi possível, conforme Milner (2003), porque o termo *neném* tem referência virtual, entre os quais apontamos: *menino*, *criança*, *bebê*, *recém-nascido*, *filho (a)*, *filhinho (a)*, *ele*, *ela*. Esses termos foram utilizados no texto sem maiores complicações.

Quando as retomadas de *neném* foram sendo apresentadas na história, a virtualidade de *neném* alcançou uma existência real, ao serem atualizadas no texto. E, a partir do momento em que foram atualizadas, não apenas por pronomes, afinal estes não contêm referência virtual própria, ou seja, quando atualizados no texto por referenciação nominal ou lexical, estas novas referências também possuem suas próprias possibilidades virtuais, que podem ou não ser exploradas na história, o que ampliou ainda mais as possibilidades de novas nomeações lexicais para o *neném* do enredo.

Avancemos mais em nossa análise para destacarmos outro processo. No (4º), no (5º) e no (6º) quadrinhos, têm-se as seguintes

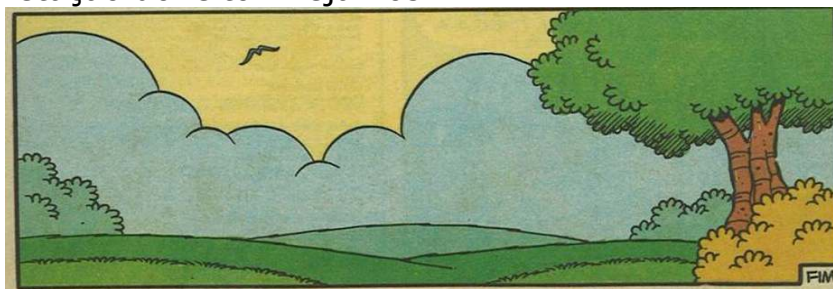
asserções: “Tem a boquinha da Bárbara”, “o nariz é do pai”, “é tão cabeludinho”, “é o cabelo do pai”, “as orelhas da mãe” “ai que bochechudo”. Diante desses excertos, fazemos o seguinte questionamento: a quem pertencem todos esses atributos?

Entendemos que tais afirmações demonstram a ocorrência de anáfora por elipse, de tal forma que, apesar de não dito explicitamente quem está recebendo tantos predicativos, com o desenrolar da história entendemos que se trata do *neném* da trama. Vejamos o que afirma Koch (1997, p.36),

A reativação de referentes no texto é realizada através de referência anafórica ou catafórica, formando-se, deste modo cadeias coesivas mais ou menos longas. Aquelas que retomam referentes principais ou temáticos (por exemplo, protagonista e antagonista, na narrativa, ser que é objeto de uma descrição, tema de uma discussão, em textos opinativos) percorrem em geral o texto inteiro. Esse tipo de remissão por ser efetuado [] por meio da elipse.

Enfatizamos que tal procedimento igualmente corrobora o que propõem Halliday e Hasan (1976, p.4), ao afirmarem que a repetição não garantirá a coesão de um texto. A anáfora elíptica é um exemplo de que é possível garantir a coesão e se chegar à coerência mesmo com outros processos coesivos em uso. Desta forma, ao lermos a história, entendemos que todos os atributos que citamos no parágrafo anterior, pertencem ao *priminho da Magali*, ao *filhinho da tia Bárbara*, ao *neném*, ao *coitadinho*, como é geralmente retomado ao longo da história. Outro exemplo está no quadrinho (19º) *coitadinho* e no (42º) *gracinha*.

Ao final da história, principalmente a partir do quadrinho (47º), os personagens insinuam que o *neném* poderia ter sido trocado pela cegonha, e, apesar das HQs conjugarem textos e imagens, pode ocorrer em alguns momentos, predominância de um ou outro. É o caso do último quadrinho, que contribui para deixar em aberto as possibilidades de interpretação do leitor. Vejamos:



Neste caso, impera a interpretação do leitor, já que há um pássaro que poderia ou não ser uma cegonha. No entanto, independentemente da escolha do leitor, não há prejuízo de compreensão do sentido da história.

Entre tais possibilidades, gostaríamos de considerar que desde o início da história foi sempre o mesmo *neném*, pois ele tinha o cabelo da mãe, era bochechudinho, enfim, tinha as características geralmente atribuídas aos recém-nascidos. No entanto, as fantasias de Mônica e Magali criaram um referente diferente, como se a cegonha tivesse trocado o bebê do início do enredo. Foi este jogo fantasístico das duas personagens, que nos posicionou frente a outro processo de referenciação a partir do quadrinho (42º). Assim, todas as referenciações a partir de então, como no (45º) “(...) *ele* é lindinho”, no (46º) *neném*, estão relacionadas ao *neném* que finalmente viram, enquanto que as referenciações anteriores estavam ligadas ao *neném* imaginado pelas duas garotas.

Tal fato ocorre quando a personagem Mônica no quadrinho (46º) realiza um corte e uma separação importante, já que, ao utilizar o temo *aquele*, a personagem se refere ao bebê que surge a partir do quadrinho 42º e quando fala *neném* está se referindo ao bebê idealizado que fizera parte da história até o quadrinho (41º). Vejamos na íntegra o que afirma a Mônica nos quadrinhos (46º e 47º):



Neste caso, tanto *aquele* (*neném*) quanto *o* (*neném*) referem-se ao bebê fantasiado por Mônica e Magali na primeira parte da história, e, quanto ao termo *neném*, trata-se de uma nova referenciação relacionada à criança que, enfim, viram. No entanto, as duas personagens acreditam se tratar de bebês diferentes. Apesar de não haver nomes próprios e de haver retomadas pronominais e de as retomadas lexicais terem o mesmo potencial virtual, ainda assim, a coesão se mantém e

a coerência é estabelecida, mesmo com a ocorrência de ambivalência entre realidade e fantasia, tão comum entre crianças de sete anos, como é o caso de Mônica e Magali.

Neste último trecho, temos ainda uma referenciação anafórica pronominal à cegonha, realizada com o termo *ela*. Neste caso, é exigido do leitor um conhecimento de mundo, especificamente, do folclore ou das lendas, para compreender que, no mundo lúdico ou infantil, as cegonhas levam os bebês para os pais. Em nossa análise, na proposta da Mônica teria ocorrido uma troca dos nenêns, isto é, de um bebê feio por outro mais belo.

Quanto às próximas referências a este outro bebê que surge em cena, que é na verdade o mesmo bebê do início da história, mas, que até então, sofreu algumas fantasias por parte de Mônica e Magali, este “outro bebê”, o que elas finalmente viram, encontramos no quadrinho (49º) *e/e* e no (50º) *de/e*. Notamos que é o mesmo caso das referenciações pronominais, já discutidas no início deste trabalho, e que aqui se torna ainda mais imprescindível a compreensão do contexto e do cotexto da história, para que se possa realizar essa separação dos objetos discursivos utilizados pelos personagens, objetos discursivos esses, que, fantasia e realidade, se confundem.

Considerações finais

Não tivemos a pretensão de esgotar a análise dos mecanismos coesivos constitutivos da tessitura da história em quadrinhos em análise. Nosso intuito foi apontar alguns aspectos coesivos importantes para a construção do sentido em HQs.

Vale ressaltar como os gibis utilizam a retomada via pronominalização, que não tem conteúdo nocional, para diferentes personagens durante a trama e conseguem garantir a coesão e a coerência da história, ao utilizar os recursos disponíveis para a construção deste processo. Pode-se verificar, na história analisada, que as retomadas via pronome, não geraram confusão ou ambivalência.

Destacamos nas HQs a importância do jogo imagético associado aos textos que amparam nossas deduções nestas referenciações, principalmente quanto ao personagem tema, que surgirá visualmente apenas no final da história.

Não menos importante é a perspectiva da fala coloquial nas HQs, isto é, não se trata de textos formais, jornalísticos, dissertativos, entre outros. Enfim, há uma especificidade nos gibis, já que tentam aproximar-se da espontaneidade da fala, pois é um estilo que tenta reproduzir a linguagem utilizada cotidianamente, embora sejam textos preparados por profissionais. Sabemos que a oralidade pode apresentar características muito específicas, como por exemplo, constantes reformulações, descontinuidade, às vezes a produção é em co-autoria, conta-se com a entonação, mímica, situação concreta, espontaneidade, vocabulários estendidos pelas criações regionais, uso importante de dêiticos na referência, marcas de intensidade, reduções de palavras. Segundo Marcuschi (2003 p.25-26):

A fala seria uma forma de produção textual-discursiva para fins comunicativos na modalidade oral (situa-se no plano da oralidade, portanto), sem a necessidade de uma tecnologia além do aparato disponível pelo próprio ser humano. Caracteriza-se pelo uso da língua na sua forma de sons sistematicamente articulados e significativos, bem como os aspectos prosódicos, envolvendo, ainda, uma série de recursos expressivos de outra ordem, tal como a gestualidade, os movimentos do corpo e a mímica.

Como os gibis tentam reproduzir a fala coloquial, eles se deparam com estes “entraves” para o estabelecimento da coesão, embora os recursos disponíveis nas HQs, como por exemplo, as imagens, os negritos, os itálicos, auxiliem na compreensão geral dos enredos.

Desta forma, a coesão nas HQs é construída, tanto com recursos linguísticos quanto com os extralinguísticos, aqui para nós entendidos como contextuais ou exofóricos, ou seja, com a associação das imagens, o título, o conhecimento de mundo, os aspectos culturais, para que o leitor alcance um sentido esperado para a construção da história.

Enfim, as HQs buscam diferentes estratégias coesivas para alcançar uma tessitura textual. Conforme Koch (1997, p.25), o sentido não está no texto, mas se constrói a partir do texto, pela “atuação conjunta de uma complexa rede de fatores de ordem situacional, cognitiva, sociocultural e interacional (...)” capazes de construir um sentido. Para nós, trata-se de um rico aporte de possibilidades de se aplicar o arcabouço teórico que vem sendo produzido pela Linguística Textual, na análise dos mais variados gêneros textuais.

Referências Bibliográficas

APOTHÉLOZ, Denis. Papel e funcionamento da anáfora na dinâmica textual. In: CAVALCANTE, M. M. et alii (orgs.). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003, pp. 52-84.

BENTES, Ana Christina. (orgs.). **Referenciação e discurso**. São Paulo: Contexto, 2005. pp. 53-101.

BROWN, G. e YULE, G. **Discourse analysis**. Cambridge : Cambridge University Press, 1983, pp. 153-189.

HALLIDAY, M.A.K. e HASAN, R. **Cohesion in English**. London: Longman, 1976.

_____. **Langage, context and text: aspects of langage in a social-semiotic perspective**. Oxford: Oxford University Press, 1989. (cap.5)

KOCH, Ingendore Villaça. **O texto e a construção dos sentidos**. São Paulo: Contexto, 1997, pp. 11-57.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. A construção do mobiliário do mundo e da mente: linguagem, cultura e categorização. In: MIRANDA, Neusa Salim e NAME, Maria Cristina (orgs.). **Linguística e cognição**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005. pp. 49-77.

_____. **Da Fala para a escrita**. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2003. 136 p.

MELO, Daura Maria Grandi. A história em quadrinhos. In: **A pulsão em "Dona Morte"**. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2009. pp. 11-18.

MILNER, Jean-Claude. Reflexões sobre a referência e a correferência. In: CAVALCANTE, M. M. et alii (orgs.). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003, pp. 85-130.

MONDADA, L. & DUBOIS, D. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos referenciais. In: CAVALCANTE, M. M. et alii (orgs.). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003, pp. 17-52.

PRODUÇÕES, Maurício de Sousa. **Magali**. In: Neném Beleza. São Paulo: Editora Globo, Agosto, 1992. pp.26-33.

Recebido em 11 de novembro de 2011.

Aprovado em 23 de março de 2012.

Anexos

(1º)



(2º)



(3º)



(4º)



(5º)



(6º)



(7º)



(8º)



(9º)



(10º)**(11º)****(12º)****(13º)**

(14º)



(15º)



(16º)



(17º)



(18º)



(19º)



(20º)



(21º)



(22º)



(23º)



(24º)



(25°)



(26°)



(27°)



(28°)



(29°)



(30°)



(31°)



(32°)



(33°)



(34°)



(35°)



(36°)



(37°)



(38°)



(39°)



(40°)



(41°)



(42°)



(43°)



(44°)



(45°)



(46°)



(47°)



(48°)



(49°)



(50°)



(51º)